



PUC Minas

Conjuntura Internacional

ano 2 • nº 25 • 06 a 12/11/2005 • ISSN 1809-6182

CENÁRIOS PUC MINAS

Análise

10/11/2005 - Alan Greenspan se retira da presidência do Fed em 2006.....p.01

Após exercer o 5º mandato como presidente do Federal Reserve, o Banco Central estadunidense, Alan Greenspan se retira do cargo em janeiro de 2006. O economista Ben S. Bernanke é indicado como sucessor pelo presidente do país.

Resenhas

10/11/2005 - Explosões em Nova Déli matam cerca de 60 pessoasp.05

Três explosões consecutivas mataram cerca de 60 pessoas na capital indiana Nova Déli. Horas depois dos ataques, os governos da Índia e do Paquistão divulgaram acordo para abertura da fronteira da Caxemira.

10/11/2005 - Síria é suspeita de envolvimento na morte de Rafik al-Haririp.07

Em relatório oficial da Organização das Nações Unidas, a Síria é suspeita de estar envolvida no assassinato do ex-Primeiro Ministro libanês, Rafik al-Hariri. Frente a suspeita, o Conselho de Segurança aprovou a Resolução 1636 exigindo que o país coopere com o inquérito instituído por comissão especial da organização.

11/11/2005 - Protestos em Parisp.10

A morte de dois jovens muçulmanos, em Paris, causa uma onda de protestos violentos que se espalha pela França.

Alan Greenspan se retira da presidência do Fed em 2006

Análise
Economia e Comércio

Rafaella Arruda Melo Pereira
10 de novembro de 2005

Após exercer o 5º mandato como presidente do *Federal Reserve*, o Banco Central estadunidense, Alan Greenspan se retira do cargo em janeiro de 2006. O economista Ben S. Bernanke é indicado como sucessor pelo presidente do país.

Alan Greenspan oficializou, em junho de 2004, o início de seu 5º mandato como Presidente do Conselho de Diretores do Banco Central estadunidense, o Fed (sigla em inglês para *Federal Reserve Bank*). O Fed, que conta em seu sistema com o funcionamento de comitês consultivos e de trabalho para o cumprimento das mais diversas responsabilidades, possui três comitês diretamente ligados à assessoria do Conselho de Diretores. São eles: o Conselho Consultivo do Consumidor, o Conselho Consultivo Federal e o Conselho Consultivo de Instituições Econômicas.

Sete membros compõem o Conselho de Diretores do Fed, sendo todos eles nomeados pelo Presidente da República e confirmados pelo Senado para a oficialização do cargo. Além de três membros diretores e do Presidente e Vice-Presidente do Conselho, a diretoria do Banco Central conta também com os cargos externos de Secretário do Tesouro e Controlador da Moeda.

O mandato integral dos membros diretores do Fed dura 14 anos. Novos mandatos sempre se estabelecem, constitucionalmente, em anos pares no início do mês de fevereiro, podendo, dessa forma, ser renovados até que se complete

o período integral. Assim, a data constitucional de início de um mandato nunca coincide com o começo do mandato presidencial do país, uma vez que o mesmo sempre ocorre em anos ímpares.

Uma vez completado o período de 14 anos, o membro do Fed nunca poderá ser renomeado. Porém, se o mesmo for inicialmente indicado para completar um mandato já em vigência que, por um motivo ou outro não tenha sido finalizado pelo membro anterior, terá o direito de ser renomeado para exercer o mandato integralmente. O Presidente e Vice-Presidente do Conselho de Diretores devem ser escolhidos entre os membros já existentes, devendo servir durante um período de 4 anos. O status de Presidente ou Vice-Presidente não afeta, porém, o limite de 14 anos para a permanência no Conselho.

Greenspan, originalmente, oficializou-se como Presidente do Conselho de Diretores do Fed em agosto de 1987, após a renúncia de Paul Volcker ao cargo. Apontado pelo então Presidente estadunidense Ronald Reagan, Greenspan recebeu, portanto, um mandato incompleto (que se iniciara em fevereiro de 84), exercendo-o até o início de 1992. Depois, Greenspan foi renomeado para o exercício de um mandato integral de 14 anos que se

iniciaria em 1º de fevereiro de 1992 devendo terminar em 31 de janeiro de 2006. Alan Greenspan foi designado como Presidente do Conselho do Fed pelos Presidentes Ronald Reagan (de agosto de 1987 ao início de 1992), George Bush (de 92 ao início de 96), Bill Clinton (de 96 ao início de 2000) e pelo atual Presidente George W. Bush (de 2000 ao início de 2004 e novamente de 2004 ao início de 2006). Assim, devido ao término de 14 anos como membro do Conselho do Fed, Greenspan deverá se retirar do cargo, após seu 5º mandato como Presidente, em 31 de janeiro de 2006.

O Presidente estadunidense George Bush anunciou, no dia 24 de outubro de 2005, sua indicação quanto ao sucessor de Alan Greenspan. De acordo com o presidente, Greenspan mostrou-se capaz de zelar pela economia do país durante altos e baixos, mantendo uma liderança constante mesmo durante crises financeiras nacionais e internacionais, graves recessões econômicas, escândalos corporativos, oscilações nas Bolsas de Valores devido a desastres naturais e ao ataque terrorista ocorrido no país em 11 de setembro de 2001.

O Fed é responsável por estabelecer a política monetária do país, por supervisionar a integridade do sistema bancário, conter os possíveis riscos do mercado financeiro e assegurar o funcionamento do sistema de pagamentos. Segundo o Presidente Bush, por o Fed representar o símbolo de integridade e confiança do sistema financeiro do país por todo o mundo, cabe ao líder de tal instituição possuir "impecáveis credenciais, senso de julgamento político e bom caráter". Nesse contexto, o nome indicado pelo presidente do país foi o do economista Ben S. Bernanke.

Bernanke já foi Presidente do Departamento de Economia e Fundador do Centro de Finanças Bendheim da Universidade de Princeton, além de

membro do Conselho de Diretores do Fed durante três anos. Uma vez indicado pelo presidente, ele ainda deve aguardar a confirmação do Senado estadunidense para assumir a liderança da instituição. Se confirmado pelo Senado até provavelmente o fim de novembro de 2005, Bernanke, que desde junho de 2005 é o chefe do Conselho de Assessores Econômicos da Casa Branca, tornar-se-á o 14º presidente do Fed.

Segundo o economista do Grupo de Investimentos Estratégicos do Banco da América, Lynn Reaser, o otimismo gerado em grande parte do mercado financeiro pela indicação do nome de Bernanke não teria ocorrido se houvesse um período prolongado de incertezas quanto à indicação por parte de George Bush. De acordo com o que o próprio Ben Bernanke disse no dia da indicação, se confirmado na presidência do Fed terá como prioridade manter as políticas e estratégias econômicas estabelecidas durante os anos de liderança de Alan Greenspan. Isso significa, principalmente, manter a política de combate à inflação em um cenário caracterizado pelo recorde nominal dos preços do petróleo e pelo aumento nos gastos dos consumidores.

Mesmo aguardando a continuidade da política econômica, alguns investidores acreditam que o novo presidente do Fed será menos austero no que concerne à política de alta dos juros liderada por Greenspan. A taxa de juros estadunidense, que no dia 1º de novembro sofreu novo aumento de 0,25% passando de 3,75% para 4% ao ano, representa uma preocupação moderada com a evolução dos preços no país. E, enquanto para alguns investidores a tendência é de que Bernanke mantenha os juros reduzidos com vistas a estimular a economia, outros analistas acreditam que a tendência será manter a política monetária restritiva.

Parte desse argumento deve-se ao fato de que, além de buscar conter o processo inflacionário, o aumento da taxa de juros

teria como motivação a redução de liquidez do dólar nos mercados internacionais, o que contribuiria para valorizar a moeda frente ao iene, ao euro e outras. Isso ocorreria, pois, uma vez elevada a taxa de juros estadunidense, os investimentos, até então feitos em outros países, seriam atraídos para a economia dos EUA. Apesar dessa taxa permanecer menor em relação à países em desenvolvimento, a estabilidade de uma economia avançada garantiria menores riscos aos investimentos realizados.

Dessa forma, a continuidade de tal política monetária restritiva adotada pelo Fed poderia também causar importantes impactos às economias em desenvolvimento. O aumento da taxa de juros nos EUA, ao poder atrair investimentos em outros países, incentivam o aumento das taxas de juros também por esses países, uma vez que se torna necessário manter o mercado nacional atrativo aos recursos externos, impedindo a fuga em massa para outras economias. A fuga dessas reservas significaria a desvalorização das moedas nacionais frente ao dólar. Tal desvalorização viria a encarecer os produtos importados, podendo gerar desequilíbrios externos, inclusive com o aumento da inflação. Elevar-se-ia o montante da dívida externa, uma vez que a mesma é calculada em dólar, encarecendo-se também todos os contratos firmados por esses países indexados à moeda.

A tentativa de manter reservas estrangeiras nas economias em desenvolvimento, com vistas a evitar o aumento da taxa de câmbio, resultaria em novos impactos. Uma vez aumentados os juros, tornar-se-iam mais custosos os acessos a créditos, reduzindo os níveis de investimento e de consumo no país e contraindo assim, a liquidez da economia. Além disso, quanto maiores os juros nacionais, maior o impacto dos mesmos sobre o cálculo da dívida pública do país, o que faz com que ela se eleve. Tais fatores

tendem, portanto, a contribuir para a desaceleração econômica, aumentando o endividamento interno e externo do país.

E, apesar de todas as possibilidades associadas à continuidade da política restritiva do Fed e de certas divergências entre os investidores quanto ao futuro da instituição, não há entre eles temor quanto a uma grande mudança na política econômica assumida atualmente pelo país.

Além disso, parte do otimismo refletido pelo mercado financeiro dos EUA em relação à indicação de Bernanke deve-se também ao fato de que o mesmo possui um curto mas satisfatório legado como Conselheiro Econômico da Casa Branca, acrescido ao fato de possuir pequena ligação partidária, o que indica que, uma vez presidente do Fed, Bernanke assumirá sua função em cooperação com os membros do Banco Central e não em consonância com os ditames da Casa Branca. Essa indicação, segundo analistas, representa a continuidade da posição de autonomia do Fed.

Bernanke defende também o estabelecimento do sistema de metas inflacionárias para o país, no qual o Banco Central deve determinar um limite máximo para a inflação nacional e não permitir que os preços do país ultrapassem esse teto. Segundo alguns analistas, o estabelecimento de metas inflacionárias, as quais não são adotadas por Greenspan, poderia aumentar a transparência, reduzir as incertezas e melhorar o ciclo de desempenho do Fed.

O provável futuro presidente do Fed, que deverá tomar posse em 1º de fevereiro de 2006, garante assegurar a contínua prosperidade da economia dos Estados Unidos, preservando a posição estável da moeda nacional.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Bloomberg.com

<http://quote.bloomerg.com>

Economist.com

<http://www.economist.com>

Folha On-line

<http://www.folhaonline.com.br>

Federal Reserve Bank

<http://www.federalreserve.gov>

New York Daily News

<http://www.nydailynews.com>

Washington Post

<http://www.washingtonpost.com>

Ver também:

08/04/2005 - [A economia dos EUA após 11 de setembro](#)

08/10/2004 - [As taxas de crescimento econômico da América Latina voltam a subir](#)

Explosões em Nova Déli matam cerca de 60 pessoas

Resenha
Integração Regional / Segurança

Sílvia Helena Guilherme Canêdo
10 de novembro de 2005

Três explosões consecutivas mataram cerca de 60 pessoas na capital indiana Nova Déli. Horas depois dos ataques, os governos da Índia e do Paquistão divulgaram acordo para abertura da fronteira da Caxemira.

Três explosões foram registradas em Nova Déli no sábado, 29 de outubro de 2005, deixando 62 mortos e cerca de 200 feridos. Os ataques tiveram como alvo lugares de grande movimento - como mercados - onde os indianos faziam compras e se preparavam para a comemoração religiosa do *Diwali* (festa das luzes), uma das maiores festas da Índia que seria celebrada na terça-feira, 1º de novembro de 2005.

A primeira explosão ocorreu em Paharganj, próxima à principal estação de trem de Nova Déli que se localiza no centro da cidade. A segunda ocorreu em Sarojini Nagar, ao sul do centro de Nova Déli e onde de acordo com as autoridades indianas teriam morrido a maioria das vítimas. A terceira bomba também explodiu em uma região comercial, na área de Govindpuri, também no sul da cidade.

As autoridades indianas classificaram a ação como ataques terroristas, e reforçaram ainda no sábado, 29 de outubro de 2005, a segurança em aeroportos, estações de trem e também em ônibus.

O Paquistão, geralmente acusado pela Índia de apoiar grupos terroristas,

também condenou as ações em Nova Déli. Em um comunicado do Ministério das Relações Exteriores o governo do Paquistão classificou os ataques de "atos criminosos de terrorismo".

No dia seguinte aos ataques, no domingo 30 de outubro de 2005, o grupo Inqilab assumiu a autoria dos atentados. Segundo a polícia de Nova Déli, o grupo estaria ligado ao Lashkar-e-Toiba, grupo radical paquistanês que tem sua base no Paquistão e luta pela independência da Caxemira indiana.

Contudo, o governo indiano declarou na ocasião ser muito cedo para afirmar quem estava por trás dos atentados e afirmou, na segunda-feira 31 de outubro de 2005, ter provas do envolvimento de militantes estrangeiros nos ataques. O governo indiano acredita que grupos com base no Paquistão, ou ligados a eles, estejam envolvidos.

Linha de Controle

Horas depois das explosões, os governos da Índia e do Paquistão divulgaram ter concordado em abrir a fronteira da Caxemira - região montanhosa em disputa pelos dois países, para que os sobreviventes do terremoto do dia 8 de



outubro de 2005, que atingiu a região, pudessem receber ajuda. [ver [Terremoto na região da Caxemira](#)]

A Linha de Controle que separa as áreas indiana e paquistanesa na Caxemira foi aberta na segunda-feira, 7 de novembro de 2005. Contrariando as expectativas dos habitantes locais, só foram autorizados a atravessar a fronteira os caminhões de auxílio às vítimas do terremoto de 8 de outubro, e não a população em geral. Muitas destas pessoas viam na abertura a possibilidade de visitar seus parentes do outro lado da linha de separação.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Folha On-line

<http://www.folhaonline.com.br>

International Herald Tribune

<http://www.ihf.com/>

Washington Post

<http://www.washingtonpost.com>

Ver também:

28/10/2005 - [Terremoto na região da Caxemira](#)

26/08/2004 - [Paz na Caxemira: será?](#)

Síria é suspeita de envolvimento na morte de Rafik al-Hariri

Resenha
Segurança

Fernanda Assunção Soares
10 de novembro de 2005

Em relatório oficial da Organização das Nações Unidas, a Síria é suspeita de estar envolvida no assassinato do ex-Primeiro Ministro libanês, Rafik al-Hariri. Frente a suspeita, o Conselho de Segurança aprovou a Resolução 1636 exigindo que o país coopere com o inquérito instituído por comissão especial da organização.

A Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou, na quinta-feira do dia 20 de outubro de 2005, um relatório provisório, compilado pelo magistrado alemão Detlev Mehlis, a respeito da investigação do assassinato do Primeiro Ministro libanês Rafik al-Hariri. O ministro sofreu um atentado no dia 14 de fevereiro de 2005, no qual foi morto por um carro-bomba, juntamente com outras vinte e duas pessoas.

Segundo o relatório apresentado pela equipe investigativa de Mehlis, evidências convergentes, relativas ao tamanho da bomba e à sofisticação da trama, indicariam que funcionários do alto escalão da Síria e do Líbano estariam envolvidos no assassinato de Hariri. Para os investigadores seria, difícil imaginar que um plano tal qual o verificado fosse levada adiante sem o conhecimento dos serviços de inteligência sírio e libanês. Mehlis assinalou que, durante as investigações, suas entrevistas com oficiais da Síria não puderam ser realizadas sem a presença de guarda costas sírios e que a equipe das Nações Unidas não pôde escolher o lugar onde as mesmas aconteceriam. Além do mais, disse que não conseguiu conversar com o

Presidente sírio Bashar al-Assad e que várias autoridades entrevistadas deram falso testemunho.

O documento diz que Rafik al-Hariri foi morto por razões políticas, pois seria visto como um inimigo da Síria e dos aliados deste país no Líbano. O assassinato ocorreu duas semanas após a aprovação da Resolução 1559 pelo Conselho de Segurança (CS) da ONU, que levou a Síria a concordar com a retirada de suas tropas e funcionários de inteligência do Líbano, após décadas de ocupação. O ex-primeiro ministro era um dos políticos que mais apoiava essa desocupação. No entanto, Mehlis afirmou que poderia ter havido outros motivos para o assassinato, incluindo fraude, corrupção e lavagem de dinheiro.

O Ministro das Relações Exteriores da Síria, Farouk al-Sharaa, constatou que o relatório foi baseado em conclusões precipitadas, e que, ao contrário do afirmado por Mehlis, a cooperação da Síria no processo investigativo foi completa, não havendo obstrução da justiça. Al-Sharaa foi acusado de ter enviado aos investigadores da ONU uma carta contendo materiais enganosos. Já o Ministro das Informações sírio, Mehdi

Dakhlallah, declarou que o relatório é totalmente tendencioso do ponto de vista político, pois teria sido baseado em alegações de testemunhas conhecidas por sua hostilidade para com a Síria.

O Presidente do Líbano, Émile Lahoud, também é incluído no documento. O irmão de um dos envolvidos no assassinato, Sheikh Ahmed Abdel-Al, teria ligado para o celular de Lahoud poucos minutos antes da explosão que matou Hariri. O presidente, no entanto, nega ter recebido tal ligação, assim como nega qualquer envolvimento de seu país no caso. Testemunhas apontam o general Mustapha Hamdan, comandante da guarda presidencial do Líbano, e Jamil al-Sayyed, assessor de segurança de Lahoud, como envolvidos diretamente no assassinato, o que contradiz a declaração de Lahoud.

Segundo alguns analistas, o presidente libanês ficou isolado desde que a Síria foi forçada a retirar suas tropas do Líbano, e deve enfrentar agora forte pressão interna para que renuncie ao cargo. Seu isolamento seria reforçado, na opinião desses analistas, pela posição neutra assumida pelos países da região, que não querem irritar as potências ocidentais ao oferecer apoio à Síria no contexto da investigação do assassinato.

Alguns nomes de oficiais sírios foram apagados da versão final do relatório, entre eles o do irmão do Presidente Bashar Al-Assad, Maher, e de Assef Shawkat, chefe do serviço militar da Síria e casado com a irmã do Presidente Assad. Dúvidas e controvérsias teriam surgido, indagando porque Mehlis teria tentado proteger figuras governamentais sírias enquanto suspeitos libaneses haveriam sido prontamente identificados. O aparecimento de nomes como estes, diretamente ligados a Assad, poderia representar uma ameaça a seu poder. Isto porque analistas acreditam que o presidente possui apenas dois cursos de ação disponíveis na atual conjuntura:

pode continuar clamando a inocência de seu país, estando sujeito a possíveis sanções e ao isolamento internacional, ou pode entregar, aos investigadores da ONU, nacionais sírios que vêm sendo acusados, correndo o risco de ser visto pelos países vizinhos como uma marionete do ocidente.

A situação tornou-se ainda mais grave quando, no dia 26 de outubro de 2005, Terje Roed-Larsen, enviado especial da ONU, apresentou um relatório dizendo que a Síria realmente retirou suas tropas do Líbano, mas que não se poderia saber ao certo se agentes especiais não haveriam permanecido. Disse também que o fluxo de armas originados no país e direcionados aos palestinos e outras milícias no Líbano teria continuado, mas nada afirmou sobre a responsabilidade do Estado libanês quanto a esses fluxos.

Diante de ambos os relatórios o Presidente estadunidense, George W. Bush, disse ser necessário uma “pressão séria” sobre a Síria, de modo que o país cumpra de maneira eficaz o que foi acordado na Resolução 1559.

No dia 29 de outubro de 2005, a Síria anunciou a investigação própria da morte de Rafik al-Hariri, feita através da instalação de um comitê judicial especial incubido de interrogar civis e militares sírios. O comitê, instalado mediante decreto presidencial, deve cooperar com as investigações da ONU.

Dois dias após o anúncio feito pelo governo sírio a questão foi, então, discutida no âmbito do CS, resultando na apresentação da proposta de resolução 1636 pelos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha. De acordo com a proposta a Síria deveria cooperar detendo oficiais, ou outros indivíduos de que a comissão da ONU suspeite, para que estes sejam interrogados. Os indivíduos designados como suspeitos ficariam proibidos de viajar e teriam suas contas no exterior congeladas. Essas sanções, no entanto, ficariam sujeitas à aprovação pelos

membros do CS. Ainda segundo a Resolução, a comissão das Nações Unidas teria a prerrogativa para determinar o local e as circunstâncias das entrevistas a serem feitas com os oficiais sírios, além de ter seu mandato estendido para 15 de dezembro de 2005, caso o Líbano requeira.

Esta proposta também incluía, inicialmente, sanções econômicas, que possuem fundamento jurídico no artigo 41 da Carta das Nações Unidas. Segundo referido artigo, um Estado pode incluir em um acordo cláusulas referentes a “interrupção completa ou parcial de relações econômica” e “rompimento de relações diplomáticas”. A punição seria aplicada caso o país não cooperasse com a investigação da ONU.

No entanto, essas punições foram retiradas da proposta uma vez que a Argélia, a China e a Rússia expressaram sua intenção em votar contra a mesma. Em substituição a elas, a Resolução ameaça considerar, se necessário, ações futuras (que não são especificadas no texto), contra a Síria caso ela não coopere plenamente com a comissão da ONU. Por fim, a resolução invoca o capítulo 7 da Carta, que torna uma resolução do Conselho mandatória para todos os membros das Nações Unidas e coloca as bases para medidas punitivas. Após as modificações, no dia 31 de outubro de 2005 o CS aprovou a Resolução 1636 por unanimidade, com a aprovação dos quinze membros.

The Guardian

<http://www.guardian.co.uk/>

The New York Times

<http://www.nytimes.com/>

Ver também:

25/02/2005 - [A resolução 1559 e o assassinato do ex-Primeiro Ministro Rafic Al Hariri e seus impactos para o equi](#)

13/05/2005 - [A Retirada Total das Tropas Sírias do Líbano](#)

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/>

CNN

<http://www.cnn.com/>

International Relations and Security
Network

<http://www.isn.ethz.ch/>

Protestos em Paris

Resenha
Segurança / Desenvolvimento

Tiago Cerqueira Lazier
11 de novembro de 2005

A morte de dois jovens muçulmanos, em Paris, causa uma onda de protestos violentos que se espalha pela França.

A França vem sofrendo com protestos violentos desde o dia 27 de outubro de 2005, que se iniciaram na região metropolitana de Paris (quando mencionarmos Paris nos referimos não apenas a esta cidade, mas também as cidades vizinhas que são conectadas a primeira). Moradores do bairro parisiense Clichy-sous-Bois, acusam a polícia de perseguir dois jovens que morreram eletrocutados ao escalarem uma instalação de transmissão elétrica. As autoridades negam o fato de que a polícia estava perseguindo os adolescentes quando estes foram mortos. Ambos eram muçulmanos, suas famílias oriundas da Tunísia e da Mauritània. Os protestos, que nos primeiros dias se concentraram neste bairro suburbano, espalharam-se pela França, atingindo inclusive outros países europeus. As cidades pobres e com alto grau de desemprego são as mais atingidas

Os jovens protestam contra a exclusão social e o desemprego. Eles atuam à noite, incendiando carros e latas de lixo e se confrontando com a polícia, mesmo com um grande contingente de policiais nas ruas, os protestos não foram contidos. Os manifestantes utilizam coquetel Molotov e se comunicam por e-mail e telefones celulares. Foram registrados ataques a estabelecimentos comerciais e públicos, como escolas e ginásios. Em algumas províncias bombeiros foram apedrejados,

bem como policiais atacados com armas de fogo. A revolta com a morte dos dois adolescentes se manifestou também na internet.

Por volta do sétimo dia de protesto, a violência começou a se espalhar por outros bairros de Paris. Já pelo décimo dia, esta alcançava diversas cidades francesas. Autoridades governamentais se reuniram com líderes muçulmanos, que já haviam se manifestados contra os protestos, na tentativa de conter a onda de violência. Caminhadas contra a violência foram realizadas nos bairros afetados pelos protestos. Convém notar que as ações dos jovens se concentraram nos bairros de periferia, ou seja, os danos causados pesaram mais sobre a população mais humilde da França.

Redes de noticiário da França têm caracterizado o conflito como estado de guerra. Alguns analistas se mostram apreensivos com o distúrbio já que a minoria islâmica se sente excluída socialmente e começa a atuar de forma violenta e constante. A França possui uma população estimada em 60 milhões de pessoas, desta 5 milhões são muçulmanos, dentro este grupo, a taxa de desemprego chega a atingir 50% em algumas localidades. Essa minoria não é representada na política e sua participação na televisão ou no cinema é extremamente pequena. A gravidade da situação se torna clara quando se destaca o fato da

inteligência francesa e estadunidense ter encontrado voluntários da Al Qaeda nascidos em território francês.

No dia 5 de novembro, o sistema de transporte público foi suspenso durante o período da noite em algumas regiões parisienses. Helicópteros foram utilizados pela polícia para perseguir grupos de manifestantes. No dia 7 de novembro, com mais de 300 cidades atingidas pelo protesto, foi registrada a primeira morte devido ao protesto. Um senhor de 61 anos morreu ao ser atacado durante a ação destes grupos. O Presidente francês, Jacques Chirac reconheceu o fato de a sociedade francesa não conseguir acolher devidamente seus imigrantes e seus descendentes. Mesmo assim, em sua primeira declaração pública, prometeu punir os agressores. Foram registrados ataques a equipes de jornalistas estrangeiros.

Em diversas declarações, o ministro do interior da França, Nicolas Sarkozy, defendeu mais rigor e força nas ações policiais. Inúmeros países, tais como Rússia, Alemanha, Japão e Estados Unidos aconselharam seus turistas a não se aproximarem das áreas atingidas pelo conflito. Neste mesmo dia, o governo francês anunciou que, a partir do dia 8 de novembro as cidades poderiam declarar toque de recolher a menores de 16 anos durante o período das 22 horas até às 6 horas, também incluído a proibição de venda de combustível. Foi declarado estado de emergência. A cidade de Le Raincy já havia declarado toque de recolher antes da autorização concedida pelo governo. A polícia vinha pressionando para que esta medida fosse aprovada, bem como defendia a necessidade de mobilização do exército para conter os manifestantes.

O Primeiro-Ministro francês, Dominique de Villepin, afirmou que o restabelecimento da ordem é a prioridade do governo e anunciou um reforço de 1.500 policiais federais que vão se somar

aos 8.000 que já atuam na áreas críticas. No dia 10 de novembro, após mais de 38 regiões declararem toque de recolher, o número de incidentes foi reduzido se comparado ao auge da violência. Até agora mais de 6.000 veículos foram queimados.

A violência desde o dia 6 de novembro não se limita mais a França, uma vez que carros foram queimados na Alemanha e na Bélgica, em ações que segundo as autoridades locais se assemelham às praticadas na França. Inglaterra, Holanda, Alemanha e Bélgica, países com grande quantidade de imigrantes, têm reforçado sua segurança, muito embora não acreditem que a situação resulte na instabilidade que se instalou na França.

Os distúrbios já vêm ocorrendo por treze noites e seus efeitos já podem ser sentidos na esfera econômica; o Euro que já vinha caindo atingiu seu valor mais baixo com relação ao dólar em quase dois anos. Analistas acreditam que o ânimo dos investidores e a confiança dos consumidores devem ser abalados, o que deve enfraquecer o comércio de fim de ano. Alguns economistas acreditam que a atratividade francesa para os capitais e os turistas será diminuída. Ademais, os custos do pagamento de seguros para milhares de carros podem ter efeitos desestabilizadores.

Analistas lembram que a atual situação francesa se deve a um processo histórico que data dos anos 60 com a importação de mão de obra barata, que nunca foram plenamente integrados à sociedade francesa. A formação de áreas que se organizam segundo suas próprias leis e costumes e cuja violência é comum, já ocorre há mais de uma década. Dessa forma, a eclosão de protestos não deve ser entendida como algo inexplicável.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbcbrasil.com>

BBC News

<http://www.bbc.co.uk>

Folha Online

<http://www.folhaonline.com.br>

FOX News

<http://www.foxnews.com>

Globo Online

<http://www.globo.com>

Jerusalem Post

<http://www.jerusalempost.com>

New York Daily News

<http://www.nydailynews.com>

New York Post

<http://www.nypost.com>

Post Gazzete

<http://www.post-gazette.com>

Stratfor

<http://www.stratfor.com>

The Weekly Standard

<http://www.weeklystandard.com>

The New York Sun

<http://www.nysun.com>

Telegraph

<http://www.telegraph.co.uk>

Washington Post

<http://www.washingtonpost.com>

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Pe. Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação-Geral: Prof. Javier Vadell

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Prof. Eugenio Diniz; Profa. Taiane Las Casas; Prof. Marco Paulo Gomes

Membros: Ana Flávia Lima Teles; Bárbara Gomes Lamas; Carolina Andressa Lima; Carolina Dantas Nogueira; Fernanda Assunção Soares; Jéssica Naime; Rafaella Arruda Melo Pereira; Sílvia H.G. Canêdo; Tiago Cerqueira Lazier; Wesley Robert Pereira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Dom José Gaspar, 500 Prédio 04 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901 Tel: (31)3319-4257 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>